

Sindicalistas protestam contra desemprego, inflação e juros em SP

Em ato realizado em frente à sede do BC, na Avenida Paulista, representantes de entidades criticam rumos da política econômica no País; decisão do Copom sobre a taxa de juros sai na quarta-feira

MATEUS FAGUNDES - O ESTADO DE S. PAULO

SÃO PAULO - A Força Sindical, a União Geral dos Trabalhadores e a Central Geral dos Trabalhadores do Brasil protestaram na manhã desta terça-feira, 20, em frente à sede do Banco Central, na Avenida Paulista, em São Paulo, contra os juros altos. Segundo os organizadores, 600 pessoas participaram da manifestação.

O protesto ocorreu no mesmo dia em que teve início a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, que anuncia amanhã a sua decisão sobre a taxa básica de juros. Para o presidente da Força Sindical, Miguel Torres, mesmo que a taxa de juros se mantenha no atual nível de 14,25%, como sugere a estimativa dos 73 analistas ouvidos pelo **Broadcast**, serviço de informações da *Agência Estado*, o patamar da Selic ainda é muito alto.

"As taxas de juros estão causando um desarranjo muito grande na economia brasileira. Estamos vendo o dinheiro sair dos investimentos e do setor produtivo e indo para os bancos", afirmou. Torres acredita ainda que o aumento do desemprego está relacionado à alta dos juros e que não vê melhora da situação da economia brasileira no médio prazo. "Não vemos do lado do governo nenhum sinal para corrigir o eixo da economia", afirmou.

Os sindicalistas instalaram na calçada da Avenida Paulista um dragão inflável de 13 metros de altura com três cabeças, denominadas Inflação, Desemprego e Juros Altos. "O dragão é para simbolizar o medo da população em torno destes problemas", disse Torres.

Segundo a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), o protesto ocorreu entre 9h30 e 12h e ocupou a calçada da Avenida Paulista e uma faixa da via no sentido Consolação. A Polícia Militar não concedeu estimativas sobre o número de participantes.

Demanda fraca faz Votorantim paralisar parte da produção de aço no Rio de Janeiro

Votorantim paralisou as operações da área de aciaria de usina instalada em Barra Mansa; com a parada, a empresa suspendeu os contratos de trabalho de 140 funcionários

REUTERS

A Votorantim Siderurgia paralisou as operações da área de aciaria de usina instalada em Barra Mansa, no Rio de Janeiro, diante da fraqueza na demanda por aços longos no país.

Com a parada, a empresa suspendeu os contratos de trabalho de 140 funcionários da unidade, informou sindicato nesta terça-feira.

A área de aciaria é responsável pela produção de aço a partir do ferro-gusa. A unidade de Barra Mansa tem capacidade para produzir 800 mil toneladas de aços longos por ano.

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do Sul Fluminense, a companhia tinha como objetivo inicial demitir os 140 funcionários, mas decidiu converter as demissões em "layoff" após negociações com a entidade.

O diretor do sindicato responsável pela região de Barra Mansa, Almir Paulino, informou que o setor de laminação da usina da Votorantim na cidade segue operando, mas abaixo da capacidade, e que a empresa informou que a suspensão dos contratos de trabalho ocorrerá enquanto persistir a fraqueza do mercado.

A produção de aços longos do país em setembro caiu 27,5% sobre um ano antes, para 663 mil toneladas, acumulado queda de janeiro ao mês passado de 12,7%, a 7,19 milhões de toneladas, segundo dados do Instituto Aço Brasil (IABr), divulgados na véspera.

Procurada, a Votorantim Siderurgia não comentou o assunto de imediato. A siderúrgica de Barra Mansa foi fundada em 1937 e usa aço reciclado como matéria-prima.

Em Camaçari, trabalhador da Ford faz protesto

Cleide Silva

Trabalhadores da Ford em Camaçari (BA) paralisaram a produção ontem e fizeram uma passeata pela cidade em protesto contra possíveis demissões na unidade que produz os modelos EcoSport e Ka.

Segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari, Júlio Bonfim, o complexo industrial pode fechar cerca de 1.400 vagas, de um total de 12 mil trabalhadores.

Bonfim disse que 500 cortes devem ser feitos na fábrica da Ford, 192 nas autopeças que operam na linha de montagem e outros 700 entre o pessoal que trabalha na empresa de logística DHL.

Em nota, a Ford confirmou a paralisação da produção ontem, mas afirmou que “está em negociação com o sindicato para, de forma conjunta, adequar o nível de produção à



EDILSON LIMA/AGÊNCIA A TARDE

Paralisação. Empregados da montadora saíram em passeata

demanda do mercado, mas não há nenhuma medida a ser anunciada no momento”.

Bonfim afirmou que a Ford alega dificuldades com a crise, mas, ao mesmo tempo, informou que deve produzir 198 mil veículos este ano, volume pouco inferior aos 212 mil de 2014 e próximo aos 199 mil de 2013, “quando não havia crise”. Segundo o sindicalista, a fábrica vai operar quatro dias por semana neste mês e no próximo.

Em setembro, trabalhado-

res da Ford de São Bernardo do Campo (SP) fizeram greve depois do anúncio de 200 demissões. Após negociações, empresa e funcionários aceitaram aderir ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE) e os cortes foram suspensos.

As montadoras demitiram 10,9 mil trabalhadores este ano e 33 mil estão inscritos no PPE, programa que reduz jornada e salários, com parte do corte sendo bancado pelo FAT.

(Fonte: Estado de SP dia 21-10-2015).

DIÁRIO DE S. PAULO

DIÁRIO DE S. PAULO - QUARTA-FEIRA / 21 DE OUTUBRO DE 2015

23

dia a dia sindical GREVE

‘Ou tomamos uma providencia ou ficaremos sem saída’, diz Torres

Força Sindical leva dragão de três cabeças para a Paulista e, junto com outras centrais e sindicatos, cobra a redução na taxa de juros

Com um dragão de três cabeças e 13 metros de altura, a Força Sindical e outras centrais e sindicatos, realizaram, ontem, uma manifestação em frente ao prédio do Banco Central na Avenida Paulista, na região central de São Paulo. O boné inflável, segundo a Força, representa os juros altos, a inflação acima da meta e o desemprego em alta.

A data e o local da manifestação foram escolhidos porque começou ontem a reunião do Copom (Comitê de Política Econômica) do Banco Central que vai definir a nova taxa de juros. A tendência é de manter a Selic em 14,25% ao ano, após sete altas seguidas e a marca negativa da maior taxa em nove anos.

“Se antes o dragão só tinha uma cabeça, representando a inflação, agora na vida real a situação piorou, com os juros altos sufocando a indústria e matando os empregos”, disse o presidente da Força Sindical, Miguel Torres, que comandou o ato. “O dragão de três cabeças foi a maneira que encontramos

para explicar essa situação de modo a que todos a compreendam”, afirmou.

Também presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que sofre com as demissões no setor, Miguel Torres diz que é impossível retomar o crescimento econômico com juros nas alturas. Com a economia parada, o comércio para e, por consequência, a indústria continua dispensando trabalhadores, num ciclo que se arrasta há pelo menos um ano. “Estamos enfrentando o maior índice de desemprego dos últimos anos. Ou tomamos providencia ou ficaremos em uma situação sem saída”, disse o sindicalista. “Uma taxa Selic de 14,25% inviabiliza a indústria nacional e os setores do comércio e de serviços. Se aumentar a taxa ou mantiver neste patamar alto, haverá aumento de desemprego neste ano”.

Além da Força, participaram do ato a CGTB (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil), UGT (União Geral dos Trabalhadores) e Nova Central.

Ubiraci Dantas de Oliveira, o Bira, presidente da CGTB lembrou que apenas oito meses, o governo Dilma Rousseff obrigou o setor público a gastar R\$ 338 bilhões com juros. “É muito mais o que foi gasto em todo o ano passado, quando foram torrados com juros R\$ 311 bilhões, em vez de estancar essa sangria, cortou direitos trabalhistas, previdenciários e estimula o desemprego e a remessa de lucros promovidos pelas multinacionais. Em 12 meses, mais de um milhão de trabalhadores com carteira assinada foram desempregados. Até o final do ano, mais de 2 milhões de trabalhadores formais e informais perderão seus empregos”, criticou.

Diretor do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, Josimar Andrade de Assis, lembra ainda que a equipe econômica do governo defende a criação de impostos, como a CPMF, por exemplo. “No Brasil, os juros praticados já são os maiores do mundo, assim como é altíssima nossas cargas tributárias, mas o governo pensa em aumentar mais e recriar impostos como a CPMF, o que é um absurdo”.

João Carlos Gonçalves, o Juruá, secretário-geral da Força Sindical, também vai na mesma linha de crítica e diz que já é hora de o governo escutar os apelos do setor produtivo. “Os juros altos provocam a redução no crédito, as empresas não deixam de investir e acaba havendo mais demissões”, repetiu.

“A cada minuto, sete pessoas perdem o emprego. Desempregados consomem só o básico, e a crise virou esse dragão”, concluiu Miguel.



Miguel Torres conduziu manifestação de ontem na Avenida Paulista



Dragão de três cabeças representa a inflação, juros altos e desemprego

Fotos de Jaelito Santana / Força Sindical

IMPASSE

Bancários rejeitam oferta patronal de 7,5%

Nova reunião entre a categoria e a federação será realizada hoje na capital

Após 15 dias greve, a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos) retomou as negociações com os bancários, ontem, e apresentou uma nova proposta de reajuste salarial para os trabalhadores no valor de 7,5%, sem o abono de R\$ 2,5 mil, oferecidos na primeira negociação. A categoria rejeitou e

completa hoje 16 dias de greve. “Queremos discutir um reajuste digno do esforço dos bancários e correlato aos ganhos reais dos bancos. Não podemos aceitar perda salarial”, afirmou a presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Mesasco e região, Juvandia Moreira. A categoria e a federação se

reúnem novamente hoje, às 11h, em São Paulo, para nova negociação. Os trabalhadores reivindicam reajuste de 16% (aumento real de 5,6% mais 9,88% da inflação). A penúltima proposta da Fenaban foi de 5,5%, mais o abono. Segundo os funcionários, 876 agências estão fechadas na base do sindicato.



Segundo o sindicato, mais de 800 agências estão fechadas na região

Agência Brasil